

ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: EXPLORANDO O CASO DOS MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIAS UNIVERSITÁRIOS

DOI:

Ana Carolina Alves Vicente
 Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro - Brasil
 anavicente@id.uff.br
<https://orcid.org/0009-0009-9061-464X>

Jessica Norberto Rocha
 Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro,
 Rio de Janeiro - Brasil
 jnrocha@cecierj.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-9754-3874>

Karlla Kamylla Passos
 Instituto Butantan/CNPq, São Paulo - Brasil
 myllakamyllapassos@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0419-2751>

RESUMO: Esta pesquisa qualitativa de caráter descritivo tem como objetivo discutir a acessibilidade nos museus e centros de ciência universitários no Brasil. A coleta de dados foi realizada a partir de uma análise documental, dividida em duas fases. A primeira visou o levantamento dos museus universitários de temática científica no país. A segunda fase teve como objetivo entender como se dá o potencial de acessibilidade nesses museus. Para isso, cruzamos os dados obtidos na primeira fase com os museus listados em dois documentos: *Guias de Museus e Centros de Ciências Acessíveis da América Latina e Caribe* de 2017 e *Guia de Centros e Museus de Ciências da América Latina e Caribe* de 2023. Encontramos nesses documentos 317 museus e centros de ciências universitários com uma concentração no eixo sul-sudeste. Oitenta e seis deles estão listados nos dois Guias e a maioria é de universidades públicas federais. Constatamos que a acessibilidade física é a mais presente nesses espaços e há pouca expressão das acessibilidades atitudinais e comunicacionais. Frente aos resultados, compreendemos que, mesmo os museus universitários tendo possibilidade de ter acessibilidade e inclusão por estarem no âmbito acadêmico que possuem legislação específica para essa questão, apresentam limitações similares a outros espaços científicos-culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Museus de ciências. Pessoas com deficiência. Inclusão. Acessibilidade.

ACCESSIBILITY FOR PEOPLE WITH DISABILITIES: EXPLORING THE CASE OF UNIVERSITY SCIENCE MUSEUMS AND CENTERS

ABSTRACT: This qualitative descriptive research aims to discuss accessibility in university science museums and centers in Brazil. Data was collected based on a documentary analysis, divided into two phases. The first aimed to survey scientific-themed university museums in the country. The second phase aimed to understand how the accessibility potential occurs in these museums. To do this, we crossed the data obtained in the first phase with the museums listed in two documents: *Guide to Accessible Museums and Science Centers in Latin America and the Caribbean* from 2017 and *Guide to Science Centers and Museums of Latin America and the Caribbean* from 2023. We identified 317 museums and university science centers concentrating on the south-southeast axis in these documents. Eighty-six are listed in both Guides and the majority are from public federal universities. Physical accessibility is the most present in these spaces and there is little expression of attitudinal and communicational accessibility. Given the results, we understand that, even though university museums have the possibility of accessibility and inclusion because they are in the academic field that has legislation on this issue, they present limitations similar to other scientific-cultural spaces.

KEYWORDS: Science museums. People with disabilities. Inclusion. Accessibility.



INTRODUÇÃO

A acessibilidade cultural é um pilar essencial para que os museus de ciência possam cumprir suas funções sociais e educativas. A partir do oferecimento de “adequações, medidas e atitudes que proporcionem bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural” (Sarraf, 2018, p. 25), os museus podem contribuir na democratização dos seus espaços. Partindo desse ponto, esse artigo tem o objetivo de discutir a oferta de acessibilidade para pessoas com deficiência nos museus de ciências universitários no Brasil a partir de um levantamento documental.

A acessibilidade e a inclusão são expressas na nova definição de museus de 2022 do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Essa afirma que um museu é:

[...] uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, **acessíveis e inclusivos**, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam eticamente, profissionalmente e com a participação das comunidades, oferecendo experiências diversas para educação, fruição, reflexão e troca de conhecimento (ICOM, s/a., s.p., tradução e grifos nossos).

Nesse sentido, um museu acessível e inclusivo vai além apenas da vertente física, envolvendo questões como: “TER ACESSO”, “PERCORRER”, “VER”, “OUVIR”, “TOCAR}” e o “SENTIR” (Cohen; Duarte; Brasileiro, 2012, p. 22). Em outras palavras, também devem ser considerados aspectos emocionais, afetivos e intelectuais, que garantam o sentimento de acolhimento por parte dos visitantes (Duarte; Cohen, 2013).

Nos museus, podemos entender o conceito de acessibilidade a partir de três diferentes dimensões (Inácio, 2017; Norberto Rocha et al.; 2021):

- **Acessibilidade física:** ligada a quaisquer barreiras urbanísticas, arquitetônicas ou de design que impeçam os visitantes de chegarem, usufruírem ou circularem com segurança e autonomia no museu;
- **Acessibilidade atitudinal:** ligada às políticas institucionais e as práticas inclusivas de recepção e acolhimento do museu, visando a superação de preconceitos, estereótipos e estigmas relacionados às pessoas com deficiência;
- **Acessibilidade comunicacional:** envolve tanto a comunicação interna e externa do museu, quanto a oferta de equipamentos e recursos que auxiliem a comunicação e interação com a equipe e com as exposições.

A partir dessas dimensões, foi criada a ferramenta teórico-metodológica “Indicadores de Acessibilidade em Museus e Centros de Ciências” (Quadro 1), propostos por Inácio (2017) e aprimorados por Norberto Rocha et al. (2021).

Quadro 1: Indicadores de acessibilidade e seus respectivos atributos.

INDICADOR	ATRIBUTO
Acessibilidade Física	1a Acesso físico, acomodação e uso do espaço
	1b Design e uso dos objetos
Acessibilidade Atitudinal	2a Práticas inclusivas, recepção e acolhimento
	2b Política institucional
Acessibilidade Comunicacional	3a Comunicação (interna e externa) e sinalização para o público
	3b Oferta de mídias diversificadas, equipamentos, recursos e afins

Fonte: Norberto Rocha et al. (2021).

Mesmo essas dimensões sendo expressas separadamente, na realidade, elas se atravessam e se complementam. Em outras palavras, essas dimensões são (e deveriam ser) trabalhadas de forma conjunta no desenvolvimento das ações e estratégias de acessibilidade que busquem engajar e incluir os mais diversos públicos, a fim de democratizar o acesso (nos mais diversos sentidos) a seu espaço e suas coleções. Complementarmente, vale considerar que os estudos do Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia (OMCC&T) indicam que o valor do preço dos ingressos se apresenta como uma barreira de acesso (Costa et al., 2021; Cazelli et al., 2022).

Ainda que a acessibilidade cultural possa abranger todo um guarda-chuva amplo de tipos de públicos de um museu, vemos a importância das instituições considerarem e direcionarem propositalmente seus esforços para os públicos com deficiências. Esse movimento garante que os museus tenham essas pessoas ativamente no seu imaginário do público em potencial, evitando que sejam esquecidas e inviabilizadas por conta da generalização dos visitantes (Dawson, 2014). A partir disso, as ações desenvolvidas nos museus devem considerar as diversas particularidades e necessidades das pessoas com deficiência (Darcy, 2010) desde o momento de planejamento, de forma que lancem mão de múltiplas e ricas estratégias.

Dentro do contexto dos museus de ciência, os museus universitários são terrenos férteis para avançar com as discussões sobre inclusão e acessibilidade. Primeiramente, pela temática científica ser predominante no cenário dos museus universitários. Como indica a base dos museus e coleções universitárias do ICOM (2017), museus de ciência representam aproximadamente 71,0% das instituições, quando consideramos os temas de Ciência e História Natural, Medicina, Antropologia, Arqueologia e Museus de Ciência e Tecnologia.

Em segundo lugar, os museus universitários expressam uma realidade específica da museologia brasileira. Essa é uma modalidade preponderante no país, se em comparação com outros países da América Latina e com outros países de extenso território, como Rússia, China e Canadá (ICOM, 2017). Esse dado é relevante no desenvolvimento e implementação de políticas públicas de acessibilidade cultural a nível nacional, uma vez que esses tipos de museus ainda enfrentam complexos desafios que são importantes para pensar acessibilidade, como a falta: de recursos humanos, de profissionais especializados

em atividades museológicas, de engajamento das universidades/departamentos que os museus estão inseridos. Assim como a falta de autonomia e de orçamento específico dos museus, estando sempre aliados aos problemas no repasse de verbas (Pessoa, 2008; Smania-Marques; Silva, 2011; Ribeiro, 2013; Reis et al., 2020; Carvalho; Julião; Cunha, 2022).

Por fim, mas não menos importante, os museus universitários estão, como se prespõe, dentro das universidades, o que traz novos elementos para os debates da acessibilidade cultural. Por estarem imersos no universo acadêmico, os museus são espaços de diálogo e experimentação (Silva et al., 2020), possibilitando inovação e enriquecimento das práticas de acessibilidade. Além disso, os museus, por serem locais onde acontece o tripé universitário – ensino, pesquisa e extensão – também estão submetidos à legislação sobre acessibilidade nas instituições de ensino superior (IES), como o decreto nº. 5.296/2004 (Brasil, 2004), cujo artigo 24 dispõe que:

Os estabelecimentos de ensino de qualquer nível, etapa ou modalidade, públicos ou privados, proporcionarão condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida (sic), inclusive salas de aula, bibliotecas, auditórios, ginásios e instalações desportivas, laboratórios, áreas de lazer e sanitários (s.p.).

Dessa forma, eles deveriam usufruir dos avanços, em termos de recursos e infraestrutura, conquistados e legislados para as IES. No caso das universidades federais, um exemplo é o Programa Incluir – acessibilidade na educação superior, o qual provê suporte financeiro para o apoio de projetos de acessibilidade dessas instituições (Brasil, 2013). Cabe ressaltar que o documento orientador do programa afirma o papel dos Núcleos de Acessibilidade das universidades em assegurar a acessibilidade também nos projetos de extensão, para a participação plena da comunidade (Brasil, 2013).

Todavia, alguns estudos vêm demonstrando o difícil acesso a essas estruturas institucionais. Fernandes (2020), por exemplo, analisou a acessibilidade para visitantes com deficiência visual em dois museus de ciências universitários de diferentes universidades do Rio de Janeiro e trouxe evidências das barreiras de incorporar e utilizar a infraestrutura, recursos humanos e financeiros das universidades em prol da acessibilidade. Na entrevista que ela realizou com as gestoras dos museus, elas apontam que a falta de recursos financeiros de forma continuada é um dos maiores obstáculos. Somado a isso, a dificuldade de obter apoio político para a pauta por parte gestores em posições hierárquicas mais altas (Norberto Rocha, Fernandes, Massarani, 2021; Fernandes, 2020).

Por exemplo, Heck e Ferraro (2021) estudaram a percepção de uma visitante surda acerca de uma exposição no Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (MCT-PUCRS). Os dados revelam que a visitante surda enfrentou barreiras de diversas natureza, tais como: sociais, linguísticas e estruturais que levaram à sua exclusão. Os principais fatores apontados pelo visitante são relativos à ausência da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no museu e os conceitos complexos abordados que muitas vezes ainda não possuem sinais na língua.

Passos dos Santos e Norberto Rocha (2021), ao estudarem os livros de comentários de um centro de ciências universitário na cidade do Rio de Janeiro, também identificaram que acessibilidade é um tema recorrente na demanda dos públicos e pouco atendido nas exposições. Somado a isso, nas entrevistas da tese de Passos dos Santos (2023) – que abordou a relação das educadoras com a acessibilidade em museus, dentre eles universitários – mostraram desafios vários em relação ao tema, como a presença de pessoas com deficiência na equipe dos museus.

A partir de experiências de atuação profissional em museus de ciências universitários, percebemos as dificuldades de implementação de recursos de acessibilidade nos museus e nas dependências das universidades de maneira geral. Os problemas não são poucos, houve episódios, por exemplo, de uma aula marcada no segundo andar de um museu que não tinha elevador, mesmo a professora sabendo que tinha um aluno com mobilidade reduzida. Fora do Sul-Sudeste, o cenário tende a ser ainda mais complexo e com ainda menos recursos, o que faz com que muitas vezes a acessibilidade nesses museus não esteja nem em pauta. Sant’anna (2024), por exemplo, se debruçou sobre os desafios da inclusão e diversidade na Universidade Estadual de Maringá. Com isso, devemos dizer que urge, portanto, a necessidade de discutir a questão da acessibilidade nos museus de ciência universitários.

METODOLOGIA

Este estudo qualitativo e quantitativo de caráter descritivo, realizado no âmbito do grupo de pesquisa Museus e Centros de Ciência Acessíveis (MCCAC), tem como objetivo construir um panorama sobre a acessibilidade oferecida para pessoas com deficiência nos museus de ciência universitários no Brasil. A coleta de dados foi realizada a partir de uma análise documental, dividida em duas fases.

A primeira fase visou identificar museus de temática científica no país no mapeamento de museus universitários realizado pelo Museu de Astronomia e Afins (MAST). Neste mapeamento, em um contexto de 201 universidades, pesquisadores identificaram 415 instituições museais e consideraram museus universitários como “um museu que está inserido na estrutura de uma universidade” (Granato, 2019, s/p), isto é, espaços de diversas naturezas que se autointitulam como museus e estão localizados em uma instituição de ensino superior que atua sobre o tripé ensino-pesquisa-extensão (Granato, 2019). Dentro do universo das instituições mapeadas, classificamos e selecionamos instituições que se enquadram como “museus de ciência”, baseando-nos nos critérios utilizados nos Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe dos anos de 2005, 2009, 2015 e 2023. Neles, museus de ciência são entendidos de forma ampla, sendo considerado: “museus de história natural, museus de tecnologia, museus de antropologia, museus de arqueologia, museus de etnografia, museus históricos, centros interativos, jardins botânicos, aquários, planetários, zoológicos, centros de educação ambiental, parques ambientais e outros” (Massarani et al., 2023, p.8). Para os museus que

não estivessem presentes em nenhum dos guias, também foi consultada a plataforma do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) de Cadastro de Museus Brasileiros (<https://cadastro.museus.gov.br/>) para averiguar as tipologias dos museus e complementar a classificação.

Em suma, foram consideradas instituições culturais com vínculos a universidades que são considerados museus de ciências pela definição da ABCMC ou se autointitulam museus e trabalham algum dos seguintes temas: ciências biológicas e da saúde (medicina, botânica, zoologia, paleontologia, dentre outras); tecnologia (indústria, produção e técnica, comunicação, transporte); ciências exatas e da terra (astronomia, matemática, física, química, dentre outras); ciências humanas (antropologia e arqueologia). Não foram considerados museus virtuais por demandarem recursos específicos de acessibilidade que se diferenciam dos demais museus.

A partir dessa seleção, os museus foram agrupados de acordo com sua localização, para entender a distribuição geográfica dos museus do recorte analisado, natureza dos espaços (centros e museus; planetários e observatórios; herbários e parques/jardins botânicos e/ou zoológicos; aquários) e categoria administrativa da universidade de vínculo, informação essa obtida a partir da plataforma e-Mec.

A segunda fase da presente pesquisa teve como objetivo entender como se dá o potencial de acessibilidade nesses museus. Para isso, cruzamos os museus universitários de temática científica identificados na primeira fase com os museus listados no *Guia de Museus e Centros de Ciências Acessíveis da América Latina e do Caribe* (Norberto Rocha et al, 2017) e no *Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe* (Massarani et al., 2023). Ambos os Guias apresentam as informações sobre acessibilidade após a descrição dos museus. Elas são divididas em quatro categorias, sendo: acessibilidade física, visual, auditiva, intelectual. Essas dimensões foram contabilizadas e analisadas a partir dessas categorias.

Importante destacar que, apesar de ambos abordarem informações sobre acessibilidade, eles têm objetivos diferentes. O Guia de 2017 foi desenvolvido baseando-se no Guia de Centros e Museus de Ciência de 2015 (Massarani et al., 2015), a partir da necessidade de apresentar informações de acessibilidade, e incluindo outras instituições que se colocaram à disposição para divulgar suas informações. Em outras palavras, é um documento focado na acessibilidade. Já o Guia de 2023 é a versão mais recente dos Guias de Centros e Museus de Ciência, trabalho iniciado em 2005 e focado na divulgação de informações gerais sobre os espaços científico-culturais, cuja edição de 2023 teve também as informações sobre acessibilidade, uma inovação frente aos guias anteriores.

Portanto, ainda que tenham categorias semelhantes, os dois guias utilizados como base para essa análise expõem de formas diferentes as informações sobre acessibilidade. Por exemplo, no quadro 1, comparamos como a acessibilidade no Museu de Zoologia da USP é apresentada nos dois guias.

ACESSIBILIDADE	GUIA DE 2017	GUIA DE 2023
FÍSICA	<ul style="list-style-type: none"> - Rampa de acesso. - Sanitários acessíveis. - Alguns elevadores acessíveis. - Um bebedouro acessível. - Estacionamento com vaga reservada. - Oferece cadeira de rodas para uso interno. - Algumas exposições e obras dispostas em altura acessível. - Locais de reunião e auditórios são acessíveis a pessoas em cadeira de rodas e mobilidade reduzida. (Norberto Rocha et al., 2017, p. 89)	Possui acessibilidade física para a maior parte das atividades ou exposições. (Massarani et al., 2023, p. 293)
VISUAL	<ul style="list-style-type: none"> - Equipamentos, experimentos, objetos, da exposição podem ser manipulados/tocados. - Modelos e réplicas de obras ou de animais, animais vivos, ou espécimes podem ser manipulados/tocados. - Guia vidente, mediante agendamento. - Atendimento com maquetes acessíveis e modelos táteis. (Norberto Rocha et al., 2017, p. 89)	Acessibilidade para deficiências visuais para algumas atividades ou exposições (Massarani et al., 2023, p. 293)

Quadro 1: Informações comparativas de acessibilidade entre os Guias de 2017 e 2023.
 Fonte: as autoras.

Diante disso, a intenção não é traçar comparações, mas extrair informações e cruzar os dados, especialmente, aqueles de interseção, isto é, que aparecem nos dois guias.

Em ambos os casos, as informações para os guias foram obtidas por meio das próprias instituições, isto é, autodeclarações sobre as questões de acessibilidade nos seus espaços (Norberto Rocha et al., 2017; Massarani et al., 2023). Em vista disso, ressaltamos que, neste estudo, nos referimos ao potencial de acessibilidade de cada espaço, uma vez que os levantamentos não foram realizados com os públicos com deficiência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

I. MUSEUS DE CIÊNCIA UNIVERSITÁRIOS

Um total de 317 museus de ciências universitários foram identificados como resultado das fases 1 e 2 desta pesquisa. Como apresentado no gráfico 1, há uma concentração no eixo sul-sudeste, somando 68,3% dos museus de ciência universitários do Brasil. Esse resultado dialoga com a concentração de museus de ciência em geral no cenário brasileiro, como já pontuado no *Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe* de 2015 (Massarani et al., 2015). Em todas as regiões do país, os museus de ciências universitários foram predominantes frente a outras tipologias (gráfico 1), apresentando uma média de 72,27%.

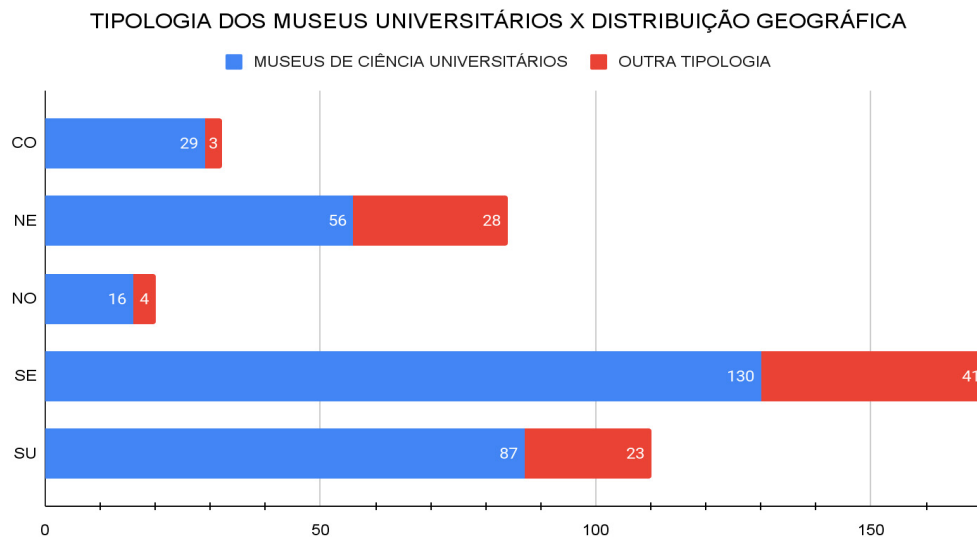


Gráfico 1: Tipologia dos museus universitários em cada uma das cinco regiões do Brasil.
Fonte: as autoras.

No que tange a categoria administrativa das universidades na qual os museus de ciência universitários estão vinculados (gráfico 2), identificamos 109 instituições, sendo a maioria universidades públicas, com as federais representando 56,8% e as estaduais 29,3%. Dentre as privadas, as sem fins lucrativos se destacaram, correspondendo a 11,4% do total de museus de ciências universitário. Enquanto há uma média de dois museus por instituição, observamos uma concentração de museus vinculados à Universidade de São Paulo - USP (24 museus), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (18 museus), Universidade Estadual Paulista - UNESP (16 museus), Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (14 museus) e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (12 museus), todos na região sul-sudeste. Algumas dessas universidades contam com suas próprias Rede de Museus, como é o caso da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG.

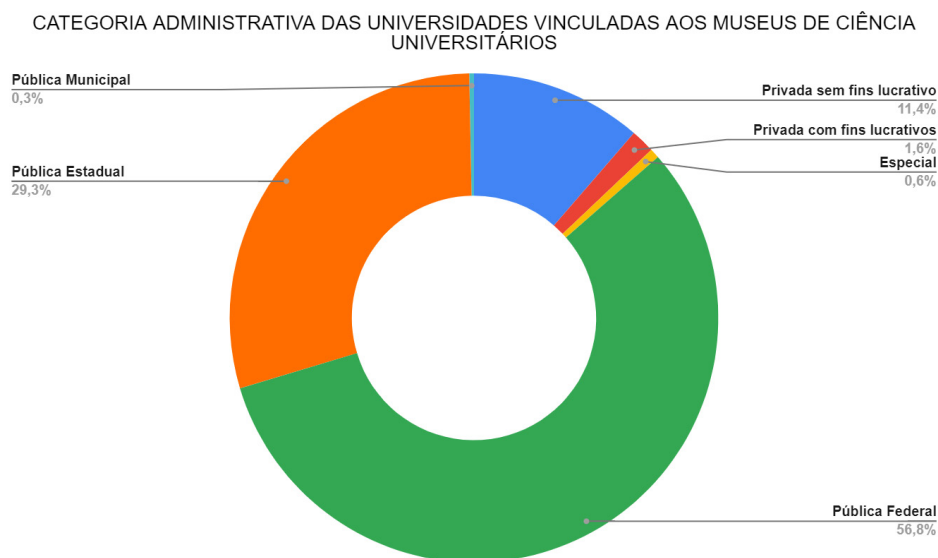


Gráfico 2: Categoria administrativa das universidades vinculadas aos museus de ciência universitários
Fonte: as autoras.

Sobre a natureza dos espaços, os centros e museus de ciências são os mais expressivos (264 instituições, 83,3%), seguido pelos herbários e parques/jardins botânicos e/ou zoológicos (47 instituições, 14,8%) e planetários e observatórios (seis instituições, 1,9%). Não foram identificados aquários vinculados a universidades.

Interessante ressaltar que, ao longo da história dos guias, 423 museus de ciências estão ou já estiveram presentes em algum dos Guias de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe. Assim, colocando em paralelo esse valor com os 317 museus universitários científicos encontrados neste estudo, podemos presumir que os museus universitários são uma tipologia expressiva no universo dos museus de ciência brasileiros. Contudo, vale ponderar que Souza (2020) aponta a dificuldade em contabilizar os museus e coleções universitárias no Brasil, por conta da carência e divergência de informações em diferentes bases de dados. Por exemplo, deparamo-nos com alguns museus universitários que apareciam nos Guias, porém não estavam no estudo de Granato (2019), assim como alguns museus de ciência universitários apareciam apenas em um dos Guias. Dessa forma, o valor que encontramos pode ser ainda abaixo da realidade atual.

2. A ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS DE CIÊNCIAS UNIVERSITÁRIOS

Ao cruzar os dados dos *Guia de Museus e Centros de Ciências Acessíveis da América Latina e do Caribe* (Norberto Rocha et al., 2017) e do *Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe* (Massarani et al., 2023) com os museus selecionados na primeira fase, encontramos 86 instituições, sendo 29 no primeiro guia, 80 no segundo e 23 aparecendo em ambos os guias (figura 1), o que representa 36,19% e 42,64% das instituições, respectivamente.

RELAÇÃO DE MUSEUS DE CIÊNCIA UNIVERSITÁRIOS EM CADA GUIA



Figura 1: Diagrama de Venn com a relação de museus de ciência universitários em cada guia.

Fonte: as autoras.

Desse universo amostral de 86 museus de ciência universitários, 53 são vinculados a universidades federais (61,62%), 23 de universidades estaduais (26,74%), nove de universidades privadas (10,46%) e uma da categoria especial (neste caso, uma IES pública,

mas não gratuita). Os museus com maior concentração são a USP (12 museus, 13,95%), a UFMG (oito museus, 9,30%), a UFRJ (nove museus, 8,13%) e a UFRGS (seis museus, 6,97%).

Uma primeira análise relacionada a acessibilidade é o preço dos ingressos dos museus. Dos selecionados, 72 (83,72%) dos museus universitários têm entrada gratuita, enquanto 13 (15,11%) são pagas, sendo um com gratuidade para pessoas com deficiência, e em uma das instituições não encontramos essa informação disponível nos guias.

Dentre as 79 instituições que apresentam informações sobre acessibilidade, trazemos, na tabela 1, uma sistematização dos tipos de física, visual, auditiva e intelectual encontradas na descrição de cada museu. Os museus foram divididos em “Museus em ambos os guias”, para aqueles que aparecem nos guias de 2017 e de 2023, e “Museus em um guia”, para aqueles que apenas aparecem ou no guia de 2017 ou no de 2023.

ACESSIBILIDADE	MUSEUS EM AMBOS OS GUIAS		MUSEUS EM UM GUIA	
	2017	2023	2017	2023
FÍSICA	23	23	6	47
VISUAL	23	15	6	20
AUDITIVA	16	11	3	21
INTELLECTUAL	3	4	1	3

Tabela 1: Relação dos museus presente nos guias e as categorias de acessibilidade
Fonte: as autoras.

Notamos que tanto nos museus que estão apenas em um guia, quanto nos que estão em ambos, a acessibilidade física é a mais presente nos espaços científicos-culturais universitários, seguida pela acessibilidade visual, auditiva e intelectual respectivamente.

A maior expressividade da acessibilidade física é observada em outros estudos (De Abreu et al., 2019; Norberto Rocha et al., 2021). Sobre isso, Norberto Rocha et al. (2021) apontaram que o foco das instituições nos aspectos físicos da acessibilidade pode se dar tanto pela falta de conhecimento de outras dimensões da acessibilidade, quanto por essas serem mais aparentes para a comunidade externa.

O maior detalhamento no guia de 2017 nos permite aprofundar a análise sob as lentes dos indicadores de acessibilidade, de forma a entender algumas das causas no contraste entre as categorias de acessibilidade.

Dos 29 museus que declaram ter acessibilidade visual, 21 são relacionados a manipulação e interação com o acervo ou por réplicas, ou seja, ao design dos objetos, um indicador de acessibilidade física. No caso de centros de ciência, no qual se enquadram algumas das instituições analisadas, esta característica é comum, já que esses tipos de museu se baseiam em experiências *hands-on*, partindo do princípio do “aprender fazendo” (Cazelli et al., 1999). Vale considerar, entretanto, assim como discutido por Fernandes (2020), a possibilidade da interação por toque nem sempre se traduz em acesso ao conhecimento divulgado. Por outro lado, reconhecemos que parte dos museus analisados

também apresentam acervos históricos, arqueológicos e paleontológicos. Nesses casos, a interação por meio do tato é de suma importância para a aproximação entre o público, principalmente com deficiência visual, para ter acesso a exposição. No caso dos dois planetários presentes neste recorte, nenhum indicou ter equipamentos/experimentos/réplicas manipuláveis, ações frequentemente empregadas nos planetários para tornar suas sessões mais acessíveis (De Abreu et al., 2019).

Em contrapartida, às ações relacionadas à acessibilidade comunicacional, das 29 instituições, apenas 11 são relacionadas a audiodescrição e nove com Braille/pauta ampliada. Com relação à acessibilidade atitudinal, apenas 13 disponibilizam guia vidente como política institucional de acolhimento da pessoa com deficiência. Ambos os planetários indicaram ter audiodescrição, recurso implementado raramente nesses espaços (De Abreu et al., 2019).

Podemos realizar a mesma análise com a categoria auditiva e intelectual. Ao analisarmos as estratégias e ações descritas, notamos que elas são majoritariamente ligadas à acessibilidade comunicacional e atitudinal.

A deficiência auditiva, por exemplo, engloba a legendagem dos materiais audiovisuais, que é predominante nas ações (16 museus declaram ter), enquanto as que envolvem tradução e interpretação de Libras reduzem-se para dez museus. Apesar da legendagem em português ser muito importante, apenas ela não garante a inclusão da pessoa surda. Entendendo a multidimensionalidade da deficiência auditiva e as várias identidades surdas, há grupos que não tem português como sua primeira língua e/ou preferem comunicar-se em Libras. Portanto, a adoção de estratégias que incluam a Libras é fundamental. Já na intelectual, além da questão de disponibilização de recursos comunicacionais, como as pranchas de comunicação alternativa, há também o atendimento em horários especiais para esse público, prática essa de acessibilidade atitudinal.

A pouca expressão das acessibilidades atitudinais e comunicacionais é observada em outros museus e centros de ciência brasileiros (De Abreu et al., 2019; Norberto Rocha et al., 2021). Portanto, essa não é uma realidade única dos museus universitários, sendo compartilhada com outros museus que não têm vínculos com IES.

No caso dos museus que aparecem nos dois guias (quadro 2), podemos, a partir disso, analisar mudanças ou manutenções nas questões de acessibilidade.

#	NOME	UNIVERSIDADE	UF
1	Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	RJ
2	Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande	UFMS	RS
3	Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	MG
4	Centro de Ciências de Araraquara (CCA)	UNESP	SP
5	Centro de Ciências e Planetário do Pará Sebastião Sodré da Gama	UEPA	PA
6	Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC)	USP	SP
7	Espaço COPPE Miguel de Simoni Tecnologia e Desenvolvimento Humano	UFRJ	RJ
8	Espaço do Conhecimento Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	MG
9	Espaço Memorial Carlos Chagas Filho	UFRJ	RJ
10	Museu Câmara Cascudo	UFRN	RN
11	Museu da Geodiversidade (MGEO)	UFRJ	RJ
12	Museu da Terra e da Vida	UNC	SC
13	Museu de Ciências Morfológicas	UFMG	MG
14	Museu de Ciências Naturais (MCN) da Universidade Federal do Paraná (UFPR)	UFPR	PR
15	Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP)	USP	SP
16	Museu Diversão Com Ciência e Arte (DICA)	UFU	MG
17	Museu Dinâmico Interdisciplinar	UEM	PR
18	Museu Nacional	UFRJ	RJ
19	Museu Zoobotânico Augusto Ruschi	UPF	RS
20	Parque de Ciência e Tecnologia	USP	SP
21	Planetário Juan Bernardino Marques Barrio	UFG	GO
22	Planetário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Prof. José Baptista Pereira	UFRGS	RS
23	Seara da Ciência	UFC	CE

Quadro 2: Museus de ciência universitários presentes em ambos os Guias.

Fonte: as autoras.

Dentre os museus encontrados, a UFRJ, USP, UFJF e UFMG destacam-se, apresentando as universidades com maior concentração de museus, sendo cinco (17,2%), três (10,3%), três (10,3%) e dois (6,9%) museus, respectivamente. Dos 23 museus de ciências universitários, quatro museus apresentaram um aumento nas categorias de 2017 para 2023: Museu Câmara Cascudo (UFRN, RN); Espaço do Conhecimento (UFMG, MG); DICA (UFU, MG); Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (UFRJ, RJ).

NOME	GUIA DE 2017				GUIA DE 2023			
	F	V	A	I	F	V	A	I
Casa da Ciência da UFRJ	X	X	X	-	X	X	X	-
Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande	X	X	X	-	X	X	-	-
Centro de Ciências da UFJF	X	X	X	-	X	X	-	-
Centro de Ciências de Araraquara (CCA)	X	X	X	-	X	-	-	-
Centro de Ciências e Planetário do Pará	X	X	X	-	X	-	X	-
CDCC	X	X	X	X	X	X	X	-
Espaço COPPE Miguel de Simoni	X	X	X	-	X	-	X	-
Espaço do Conhecimento UFMG	X	X	X	-	X	X	X	X
Espaço Memorial Carlos Chagas Filho	X	X	-	-	X	X	X	-
Museu Câmara Cascudo	X	X	X	-	X	X	X	X
Museu da Geodiversidade (MGEO)	X	X	X	X	X	X	X	X
Museu da Terra e da Vida	X	X	X	-	X	X	-	-
Museu de Ciências Morfológicas	X	X	X	-	X	X	-	-
Museu de Ciências Naturais da UFPR	X	X	-	-	X	-	-	-
Museu de Zoologia da USP	X	X	-	-	X	X	-	-
Museu DICA	X	X	-	-	X	X	X	X
Museu Dinâmico Interdisciplinar	X	X	X	-	X	-	-	-
Museu Nacional	X	X	X	X	X	X	X	-
Museu Zoológico Augusto Ruschi	X	X	X	-	X	X	X	-
Parque de Ciência e Tecnologia	X	X	-	-	X	-	-	-
Planetário Juan Bernardino Marques Barrio	X	X	X	-	X	-	-	-
Planetário da UFRGS	X	X	-	-	X	X	-	-
Seara da Ciência	X	X	-	-	X	-	-	-

Quadro 3: Relação dos museus e cada categoria de acessibilidade nos Guias de 2017 e 2023.
Fonte: as autoras.

Como podemos observar no Quadro 3, alguns museus aparentemente aumentaram sua oferta em acessibilidade. Por exemplo, o Museu Câmara Cascudo da UFRN e o Espaço do Conhecimento da UFMG apresentaram acessibilidade física, visual e auditiva em 2017 e, no guia de 2023, eles também relataram abranger a acessibilidade intelectual, com atendimento especializado a esses públicos. O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho da UFRJ, no Guia de 2023, declarou ter acessibilidade física, visual e auditiva, ao passo que, no documento anterior, só constava acessibilidade física e visual. O DICA da UFU destaca-se por apresentar todas as quatro categorias de acessibilidade no guia de 2023, enquanto em 2017 apresentava apenas acessibilidade física e visual. Essas instituições, de acordo com o guia de 2017, declararam possuir artefatos manipuláveis e nenhuma instituição apresentava Braille. Apenas o Museu Câmara Cascudo relatou não possuir guia vidente e apenas o Espaço do Conhecimento declarou possuir ações em

Libras, nomeadamente sessão acessível em Libras, aplicativo para tradução na exposição e disponibilização de intérpretes. Cinco instituições mantiveram as mesmas categorias entre 2017 e 2023: Casa da Ciência da UFRJ (física, visual e auditiva); Museu da Geodiversidade da UFRJ (física, visual, auditiva e intelectual); Museu de Zoologia da USP (física, visual), Museu Zoológico da UPF (física, visual e auditiva); Planetário da UFRGS (física e visual).

Assim como observado anteriormente, a acessibilidade física é predominante, enquanto a acessibilidade intelectual só aparece no Museu da Geodiversidade, o qual, de acordo com o Guia de 2017 (Norberto Rocha et al., 2017), fornece pranchas de comunicação e visitas e roteiros adaptáveis. Ainda nos pautando no guia de 2017, observamos que, em relação a acessibilidade visual, os recursos mais utilizados são os guias videntes, aparecendo em quatro instituições, seguida pela audiodescrição (três museus) e por fim a manipulação e interação (dois museus). Da auditiva, dois tem legendagem e todos os três museus tem interpretação e legendagem em Libras.

As instituições que apresentaram menos categorias de acessibilidade em 2023 do que em 2017 somam um total de 14. Todos os museus apresentaram acessibilidade física nos dois guias. No que tange a acessibilidade visual, todos os espaços declararam ações de acessibilidade visual em 2017, porém apenas seis declararam também em 2023, sendo a Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande, o Centro de Ciências da UFJF, o Museu de Ciências Morfológicas da UFMG, o Museu Nacional, o CDCC e o Museu da Terra e da Vida. Dos onze museus que afirmaram possuir acessibilidade auditiva no guia de 2017, apenas o Centro de Ciências da UEPA, o Espaço COPPE, o Museu Nacional e o CDCC também relataram no Guia seguinte. Apenas dois espaços (Museu Nacional e CDCC) disseram possuir acessibilidade intelectual em 2017, que não foram novamente referidas no guia de 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus universitários devem ser acessíveis e inclusivos – essa não é uma questão nova aos profissionais desses museus. Como aponta as Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias, proposto no quinto encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários, a acessibilidade nas exposições dos museus universitários são instrumento para inclusão social, da cidadania e na democratização dos seus acervos (Fórum, 2018).

Contudo, no caso dos museus universitários, a acessibilidade e inclusão vai além do estar em consonância com a definição de museus do ICOM e do exercício das suas funções sociais e educativas. Por serem parte das IES, as pessoas com deficiência devem poder usufruir dos museus, assim como de todos os outros ambientes da universidade. Como mencionamos anteriormente, os museus e centros de ciência universitários possuem características únicas frente a outras tipologias de museus, no sentido administrati-

vo, legislativo e de inovação, que podem ser barreiras ou facilitadores na implementação de uma política institucional de acessibilidade.

Compreendemos também a possibilidade de que grande parte dos museus e centros de ciência brasileiros sejam museus universitários – aspecto importante para pensar nas políticas públicas de fomento à acessibilidade nos museus de ciência. Porém a subnotificação dessas experiências é uma barreira para traçar esse panorama, assim, é urgente o trabalho local das universidades no registro das suas ações de extensão, assim como propôs Souza (2020).

Frente aos resultados, compreendemos que os museus universitários – apesar de terem grande potencial para se estruturarem para uma cultura de inclusão e acessibilidade por estarem dentro de universidades que são ambientes de inovação e conhecimento -- apresentam limitações similares a outros espaços científicos-culturais sem vínculos com as IES.

Identificamos que a acessibilidade do tipo física é a mais expressiva nesse espaço, ao mesmo tempo que demonstra as ausências significativas de acessibilidades dos tipos comunicacional e atitudinal, assemelhando-se, a museus que não têm vínculos com universidades. A maioria dos museus universitários de ciência tem entrada gratuita, o que remove uma primeira barreira de acessibilidade importante para os seus públicos. Entretanto, para além de poder entrar no museu, é preciso interagir, engajar e pertencer – aspectos comprometidos visto a pouca acessibilidade atitudinal e comunicacional.

Ressaltamos, contudo, que, como o guia mais recente não apresentava questões de acessibilidade com tanta riqueza de detalhes quanto o guia de 2017, isso comprometeu a realização de uma análise mais profunda nesses espaços. Da mesma forma, entendemos que isso também pode ser uma barreira comunicacional para as pessoas com deficiência, que necessitam de informações detalhadas sobre acessibilidade para conseguirem se programar.

Vale destacar que o aumento ou manutenção das acessibilidades apresentam algum avanço ou estabilização nas práticas de inclusão dentro dos espaços científico-culturais, dado os diferentes propósitos e metodologias entre os Guias. Dessa forma, não conseguimos aferir se as instituições têm continuado adotando as mesmas estratégias e/ou se, dentro de cada categoria, houve abandono de alguma ação ao longo dos anos. O mesmo se aplica para os casos em que houve diminuição das categorias, o que poderia tanto indicar um retrocesso nas discussões de acessibilidade nos museus, como também ser apenas resultado da falta de aprofundamento do guia de 2023.

Uma questão recorrente que temos observado é que a falta da institucionalização das práticas de acessibilidade que são originárias em grupos específicos de funcionários e pesquisadores e/ou são desenvolvidas em projetos (financiada com recursos de editais específicos) tem levado à sua descontinuidade nos museus de ciência (De Abreu et al., 2019; Norberto Rocha et al., 2021). Essa questão foi agravada durante a pandemia em que os museus tiveram que fechar suas portas para os públicos e que ocorreu justamente no intervalo entre o Guia de 2017 e o Guia de 2023.

O movimento de institucionalização das políticas de acessibilidade é crucial por assegurar que não haja retrocessos ou paralisações, mesmo com adversidades internas e externas, garantindo a perpetuação da acessibilidade para além de um projeto ou gestão (Reich, 2014; Sarraf, 2022). Esse ponto não apenas corrobora com o argumento de que as instituições podem estar passando por retrocessos, como também instigam a necessidade de explorar a fundo os outros casos, a fim de entender quais práticas estão se mantendo nos museus de ciência universitários e quais são descontinuadas. Nesse sentido há a necessidade de serem realizadas mais pesquisas nos museus científicos universitários, a fim de entender se essa realidade se afirma e como ela se relaciona com as políticas institucionais das IES.

Por fim, diante desse cenário, algumas questões precisam ser levantadas para debate e estudos futuros: De que forma as universidades contribuem (ou não) para a promoção da acessibilidade e inclusão nos seus espaços científico-culturais? Como as políticas institucionais de acessibilidade das IES se relacionam e afetam a construção de uma política institucional de acessibilidade própria dos museus? E, principalmente, por que os museus universitários não conseguem usufruir do caminho rumo a acessibilidade já percorrido pelas universidades, seja nas produções acadêmicas, recursos e/ou infraestrutura?

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-006/2004/decreto/d5296.htm
- BRASIL. Ministério da Educação. **Documento orientador**: Programa Incluir-Acessibilidade na Educação Superior. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13292-doc-ori-progincl&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26 jun. 2018.
- BRITO, F.; FERREIRA, J. R.; MASSARANI, L. **Centros e museus de ciências do Brasil**. Rio de Janeiro: ABCMC: UFRJ, Casa da Ciência: Fiocruz, Museu da Vida. 2005. 140p. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/GuiaMuseusdeCiencia2005.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- CARVALHO, C. R.; JULIÃO, L.; CUNHA, M. N. B. **Museus Universitários no Brasil**: diagnóstico e proposições. Interfaces – Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 410-451, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42505/32334>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- CASTRO, A.; SANTOS, D.; BARBOSA, P.; FONSECA, T.; PEREIRA, D.; ROSÁRIO, N.; DIOGO, M.; ARACRI, E.; SILVA, A.. Caminhos para uma divulgação científica acessível no Museu da Geodiversidade (Igeo/UFRJ). In: NORBERTO ROCHA, J. (org). **Acessibilidade em museus e centros de ciências**. Fundação CECIERJ, Rio de Janeiro, 2021.
- CAZELLI, S.; QUEIROZ, G.; ALVES, F.; FALCÃO, D.; VALENTE, E.; GOUVÊA, G.; COLINVAUX, D. **Tendências pedagógicas das exposições de um museu de ciência**. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 2, p. 1-12, 1999.
- CAZELLI, S.; SANTOS DAHMOUCHE, M.; MANO, S.; COSTA, A. F.; GOMES, I.; DAMICO, S. **Conhecer para contar**: o público de museus de ciência do Rio de Janeiro. *Museologia e Patrimônio*, v. 15, n. 2, 2022.
- COHEN, R.; DUARTE, C.; BRASILEIRO, A. **Acessibilidade a Museus**. Brasília: MinC/IBRAM, 2012.

- COHEN, R.; DUARTE, C. R. **Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”**: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. Revista Benjamin Constant, ed.3. Out. 2013.
- COSTA, A. F. *et al.* **Pessoas com deficiência em museus de ciência**: perfil e opinião dos visitantes espontâneos. Interfaces científicas – Humanas e Sociais, Aracajú, v. 9, n. 1, p. 55-72, 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/9436/4418>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- DARCY, S.; CAMERON, B.; PEGG, S. **Accessible tourism and sustainability**: a discussion and case study. Journal of Sustainable Tourism, Reino Unido, Vol 18 n.4, p.515-537, ago. 2010
- DAWSON, E. **Equity in informal science education**: developing an access and equity framework for science museums and science centres, Studies in Science Education, 50(2), 209247, 2014.
- DE ABREU, W.; NORBERTO ROCHA, J.; MASSARANI, L.; INACIO, L. G. B.; MOLENZANI, A. **Acessibilidade em planetários e observatórios astronômicos**: uma análise de 15 instituições brasileiras. JCOMAL, Trieste, v. 2, ed. 2, p. 1-18, 2019. Disponível em: https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0202_2019_A04/. Acesso em: 25 jul. 2024.
- DE SANTANA PORTE, M.; DAMIÃO TRINDADE ROCHA, J.; AUGUSTO PEREIRA, C. **Barreiras de Acessibilidade para Pessoas com Deficiência no Ensino Superior**. Administração Pública e Gestão Social, [S. l.], v. 14, n. 4, 2022. DOI: 10.21118/apgs.v14i4.13376. Disponível em: <https://beta.periodicos.ufv.br/apgs/article/view/13376>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- FERNANDES, A. V. C. Um panorama dos museus mais visitados no Brasil, entre 2014 e 2018. **Rev. CPC**, São Paulo, v. 15, ed. 30, p. 15-33, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/171128/169186>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- FERNANDES, M. P. **A Experiência de Pessoas com Deficiência Visual**: A acessibilidade e a inclusão no Museu da Geodiversidade (UFRJ) e na Casa da Descoberta (UFF). Dissertação de Mestrado, Programa Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2020.
- FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. **Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias**. 2018. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/wp-content/uploads/2019/02/diretrizes.pdf>. Acesso em: 26 jul 2024.
- GRANATO, M. (coord.) **Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia e Museus Universitários**: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas. Rio de Janeiro: MAST, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/projetos-de-pesquisa/coordenacao-de-museologia-comus/patrimonio-cultural-de-ciencia-e-tecnologia-e-museus-universitarios-pesquisa-analise-e-caracterizacao-de-relacoes-estrategicas>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- HECK, G. S.; FERRARO, J. L. S. A acessibilidade em um museu de ciências para a inclusão de visitantes surdos. In: ROCHA, J. N. (org.). **Acessibilidade em museus e centros de ciências**. Fundação CECIERJ, Rio de Janeiro, 2021.
- IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus. Cadastro Nacional de Museus (CNM). s/a. Disponível em: <https://cadastro.museus.gov.br/>. Acesso em: 26 jul 2024.
- ICOM - International Council of Museums. Museum Definition. s/a. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 26 jul 2024.
- ICOM - International Council of Museums. Worldwide Database of University Museums and Collections. 2017. Disponível em: <https://university-museums-and-collections.net/>. Acesso em: 26 jul 2024.
- INACIO, L. G. B. **Indicadores do Potencial de Acessibilidade em Museus e Centros de Ciência**: Análise da Caravana da Ciência. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências – ênfase em Biologia e Química) – Instituto Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2017.
- MARQUES, R. S.; SILVA, R. M. L. **O Reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários**: o caso dos museus da UFBA. Revista Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-84, 2011. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/149/151>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- MASSARANI, L. (org.). **Centros e museus de ciência do Brasil 2009**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência: UFRJ; FCC; Casa da Ciência: Fiocruz; Museu da Vida, 2009. 232p. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/GuiaCentroseMuseusdeCiencia2009.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

- MASSARANI, L. et al. (org.). **Guia de centros e museus da América Latina e do Caribe 2023**. Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2023. 648p. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Guia-de-Centros-e-Museus-de-Ci%C3%A7%C3%Aancia-da-America-Latina-e-do-Caribe-2022.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- MASSARANI, L. et al. (org.) **Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: RedPOP; Montevidéu: Unesco, 2015.
- MEC - Ministério da Educação. Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior - Cadastro e-MEC. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec>. Acesso em: 26 jul 2024.
- NORBERTO ROCHA, J. et al. (org.). **Guia de museus e centros de ciências acessíveis da América Latina e do Caribe**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: RedePOP; Montevidéu: UNESCO, 2017. 153p. Disponível em: https://grupomccac.org/wp-content/uploads/2017/12/GUIA-PT-Final_sem_audiodescri%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- NORBERTO ROCHA, J.; MASSARANI, L.; ABREU, W.; INACIO, L.; MOLENZANI, A. Investigando acessibilidade em museus e centros de ciências latino-americanos. In: **Pesquisa em divulgação científica: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021, 133-158 p., 2021.
- NORBERTO ROCHA, J.; FERNANDES, M.; MASSARANI, L. Social models of disability and museum research. In: BEVAN, B.; RAMOS, B. (org). **Theorizing Equity in the Museum**. Londres: Routledge, 2021.
- PASSOS DOS SANTOS, K. K.. **Educação Museal e Feminismos no Brasil: Silenciamentos, Estranhamentos e Diálogos a Partir de um Olhar Interseccional e Decolonial**. Tese. Universidade Lusófona. Lisboa, 2023.
- PASSOS DOS SANTOS, K. K.; NORBERTO ROCHA, J. **A questão da acessibilidade presente nos comentários dos públicos da Casa da Ciência (UFRJ) e do Museu Ciência e Vida (Fundação Cecierj): reflexões**. In: Rocha, Jessica Norberto (org). **Acessibilidade em museus e centros de ciências**. Fundação CECIERJ, Rio de Janeiro, 2021.
- PESSOA, N. O Museu está vivo (?) O momento atual do Museu Câmara Cascudo. In: **IV ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**. Faculdade de Comunicação, UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14172.pdf>.
- REICH, C. **Taking Action Toward Inclusion: Organizational Change and the Inclusion of People with Disabilities in Museum Learning**. Tese de Doutorado em Educação. Boston, 2014. Disponível em: <https://dlib.bc.edu/islandora/object/bc-ir:101502/datastream/PDF/view>. Acesso em: 23 de Setembro de 2023.
- REIS, S.; WITOVISK, L.; TARGINO, M.; BRITTO, M.; SANTOS, F. P. O descompasso entre a estrutura acadêmica e a estrutura museal em museus universitários: o caso do Museu Nacional (UFRJ). **Revista CPC**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 30esp, p. 62–90.
- RIBEIRO, E. **Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão**. *Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 2, n. 4, p. 88-102, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16366>. Acesso em: 01 de Ago. 2024.
- SANT’ANNA, Débora. Desafios da inclusão e diversidade na Universidade Estadual de Maringá. In: **Encontros para a Diversidade na Ciência e Cultura: diálogos sobre inclusão**. Fundação CECIERJ, Rio de Janeiro, 2024. No prelo.
- SARRAF, V. **Museus para a Igualdade – Diversidade e Inclusão Como as premissas da Acessibilidade Cultural corroboram com a Função Social dos Museus**. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 63, n. 19, p. 21-30, 24 Jun. 2022.
- SARRAF, V. P. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência: benefícios para todos**. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, v. 6, p. 23-43, 2018. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/d1209a56/acb3/4bc1/92cc/183d6c085449.pdf>. Acesso em: 26 jul 2024.
- SMANIA-MARQUES, R.; SILVA, R. M. L. **O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA**. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 63 – 84, 2011.
- SOARES, M. S. **Museus universitários, encontros e redes de museus: estratégias de articulação e reconhecimento**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/38716/1/2020_MariannadeSouzaSoares.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.